

O QUE ESTÁ EM JOGO NA “BATALHA PELA HUNGRIA”?

A “Batalha pela Hungria” expõe um jogo de influência externa: UE e Kiev buscam depor Orbán, enquanto Washington e Moscou respaldam sua soberania; o risco iminente é uma revolução colorida que puniria Budapeste por defender seus interesses nacionais.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

As eleições parlamentares de domingo na Hungria foram descritas pela RT como a “[Batalha pela Hungria](#)” devido aos enormes interesses envolvidos para a UE, a Ucrânia, os EUA e, em menor grau, a Rússia. Os três primeiros também buscaram influenciar os eleitores, a UE e a Ucrânia por meio de várias formas de interferência, incluindo a criação de [teorias da conspiração sobre o Russiagate](#) e até mesmo a [tentativa de explodir o principal gasoduto da Hungria](#), e os EUA por meio do [apoio de Trump e Vance](#) ao primeiro-ministro Viktor Orbán.

O interesse da UE em “depor democraticamente” Orbán é ideológico, já que ele é um nacionalista conservador que se opõe à agenda liberal-globalista que o bloco quer impor à Hungria. O principal conselheiro econômico da oposição é o ex-vice-presidente de Mobilidade da Shell, István Kapitány, e foi explicado aqui como ele pretende ter sucesso onde George Soros falhou. Em resumo, a UE considera a Hungria sob o governo de Orbán um grande obstáculo aos seus [planos de federalização](#), que espera eliminar em breve.

A Ucrânia também odeia a Hungria, mas apenas porque Orbán se recusa a armá-la, continua comprando energia da Rússia e, ocasionalmente, obstruiu o financiamento da UE para esta ex-república soviética. Em resposta, a Ucrânia [armamentizou o oleoduto Druzhba](#), do qual a Hungria depende em grande medida, para pressioná-la a reverter suas políticas, mas sem sucesso. A Ucrânia também conspira com a oposição húngara, que agora é um instrumento conjunto da Ucrânia e da UE, em suas teorias da conspiração sobre o Russiagate.

Os interesses dos EUA são opostos aos da UE e da Ucrânia, visto que Trump 2.0 quer que Orbán seja reeleito, e é por isso que o próprio Trump e Vance o apoiaram. A [Estratégia de Segurança Nacional](#) prevê o apoio a conservadores com ideias semelhantes na Europa como parte dos planos do governo para evitar o “apagamento civilizacional” do continente, provocado pela sua camarilha liberal-globalista dominante. Para os Estados Unidos, a Hungria representa uma alternativa viável para a Europa, cujo modelo esperam que seja imitado por outros.

Dos quatro países estrangeiros com interesses na “Batalha pela Hungria”, a Rússia é a que tem menos. Ela apoia a [abordagem pragmática](#) de Orbán em relação ao [conflito ucraniano](#) e vê a Hungria como um parceiro valioso na Europa. Além disso, Putin acredita que Orbán pode ajudar a reparar as relações entre Rússia e União Europeia algum tempo depois do fim da guerra por procuração na Ucrânia. Embora certamente seja um cenário que mudaria o jogo, é reconhecidamente improvável, razão pela qual a Rússia não interfere em seu apoio, apesar das teorias da conspiração em contrário.

Por fim, são os húngaros que têm mais a perder nesta “batalha”, já que serão eles que viverão com as consequências e provavelmente apoiarão a permanência de Orbán no poder. Durante seu último mandato, iniciado em 2022, ele evitou uma crise econômica ao manter as importações de energia da Rússia e também garantiu a segurança da Hungria, mantendo-a fora do conflito ucraniano. Sua soberania também foi fortalecida. Sua deposição seria, portanto, desastrosa para os interesses nacionais objetivos da Hungria.

Se ele formar o próximo governo, porém, não se pode descartar a possibilidade de a UE e a Ucrânia ordenarem que seu grupo de oposição inicie uma [Revolução Colorida](#). Afinal, investiram tanto em tentar se livrar dele que faz sentido realizar um último esforço desesperado e dramático para esse fim, sob a falsa alegação de que a “interferência russa” o ajudou a vencer. Isso não significa que terão sucesso, mas ainda assim podem infligir muitos danos ao seu país como forma de punição da UE e da Ucrânia contra o povo húngaro.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
